

Do livro datilografado ao jornal impresso: suplemento literário da *Folha do Norte* – uma evolução no suporte do escrito e da escrita em Belém do Pará, 1942-1951

Dawdson Soares Cangussu¹

Resumo:

Este artigo tem o fito de analisar a trajetória específica do suporte do escrito de um grupo, que, num primeiro momento, na *Academia dos Novos*, eram livros datilografados, e que, a partir de 1946, passou a ser um suplemento literário, o *Arte-Literatura*. A análise não se pautará na representação deste encarte para os leitores comuns de jornal, mas no significado que esse periódico teve para o grupo que o idealizara, a *Turma do Central*.

Palavras-chave: Suplemento literário, Suporte do escrito, Grupos literários.

Abstract:

From the book typed to the newspaper printed: *Literary Supplement of the Folha do Norte – an evolution in support of writing and writing in Belem, 1942-1951*.

This article has the aim of analyzing the trajectory of the specific support of a writing group, which at the first moment, in the *Academia dos Novos*, was typed books, and from 1946, became a literary supplement, the *Arte-Literatura*. The analysis is not based on the representation of the insert to the ordinary readers of the newspaper, but on the meaning that the newspaper had for the group that created it, the *Turma do Central*.

Keywords: Literary Supplement, Support the writing, Literary groups.

INTRODUÇÃO

Em artigo intitulado *Do código ao monitor: a trajetória do escrito*, Roger Chartier busca detectar e designar os efeitos de uma revolução, dita inelutável ou possível, nas modalidades de produção, transmissão e recepção do escrito, quando o texto, antes visto em livros e jornais, estaria fadado a uma existência eletrônica que prende o leitor num monitor.² Uma revolução que, segundo o autor, é mais forte do que a de Gutenberg, pois além da técnica de reprodução do texto, ela modifica as estruturas e formas do suporte que o comunica a seus leitores, mudando, inclusive, o estilo da leitura. Segundo Chartier “se é verdade que abre possibilidades novas e imensas, a representação eletrônica dos textos modifica totalmente a condição destes”.³ Isto por que à materialidade do livro, a representação eletrônica substitui a imaterialidade de textos sem lugar próprio. Além de proporcionar a livre composição de fragmentos manipuláveis, ela permite a navegação por arquipélagos textuais sem beira nem limites.

Essa mudança na cultura da leitura e no sentido das formas não é privilégio do avanço da informática. Chartier afirma que todas as mudanças na forma do suporte e da estrutura de transmissão e recepção do escrito, que ocorreram e ocorrem ao longo da história, afetam-lhe profundamente possíveis usos e interpretações. Segundo o autor, “a significação, ou, antes, as significações, histórica e socialmente diferen-

¹ Mestre em História Social da Amazônia pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Professor da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), e da Faculdade de Educação Santa Terezinha (FEST). Email: dawdsonscangussu@hotmail.com.

² CHARTIER, Roger. Do código ao monitor: a trajetória do escrito. *Estudos Avançados*, São Paulo: IEA/USP, v. 8, n. 21, pp. 185-199.

³ CHARTIER, op. cit., p. 190.

ciadas de um texto, seja qual for, não podem ser separadas das modalidades materiais por meio de que o texto é oferecido aos leitores”.⁴

Seguindo os passos dessa história do escrito desenvolvida por Chartier, este artigo tem o fito de analisar a trajetória específica do suporte do escrito de um grupo, que, num primeiro momento, na *Academia dos Novos*, eram livros datilografados, e que, a partir de 1946, passou a ser um suplemento literário. A análise não se pautará na representação deste encarte para os leitores de jornal, mas no significado que esse periódico teve para o próprio grupo que o formulara, a *Turma do Central*.

Em 1943 foi fundada a *Academia dos Novos*. Jovens como Benedito Nunes, Haroldo Maranhão, Max Martins e Alonso Rocha, formaram um grupo que representou uma contradição nos discursos dos modernistas, os quais acreditavam que o movimento já havia se instalado em todas as regiões e que todos os jovens ao tomarem conhecimento de literatura já se pendiam para a liberdade de expressão modernista. O fato é que esses jovens moradores de Belém não eram modernistas, e sim parnasianos. Buscaram, em plena década de 1940 – quando o modernismo já havia se tornado matéria nos compêndios escolares – nos moldes da *Academia Brasileira de Letras*, o seu rumo e ritmo literário eivado das formalidades parnasianas. As reuniões eram levadas a sério, aliás, todos os detalhes eram levados a rigor, tudo de acordo com os padrões da *Academia Brasileira de Letras*. O ar parnasiano do ambiente era conseguido com a fidelidade na elocução, na retórica e nas frases de efeito, características buscadas com afinco pelos confrades. Outro detalhe eram os patronos, e os fundadores escolheram logo o seu. Haroldo Maranhão ficou com Humberto de Campos; Alonso Rocha com Castro Alves; Jurandir Bezerra com Olavo Bilac; Max Martins com Machado de Assis; e Benedito Nunes com Rui Barbosa. Para Aldrin Figueiredo as escolhas não se baseavam no conhecimento que cada um possuía de seu patrono, mas apenas em uma admiração recente e superficial.⁵ Os poetas declamavam seus poemas rimados os quais valorizavam o emprego da palavra rara, do vocabulário precioso e da frase rebuscada, além, certamente, da preocupação com a perfeição da forma. E qualquer outra forma de poesia era duramente criticada, e têm-se como exemplo as críticas feitas a Carlos Drummond de Andrade e Manuel Bandeira, quando foram acusados de não fazer rimas simplesmente por que não sabiam rimar ou metrificar.⁶

Dois anos depois, em 1945, os membros da *Academia dos Novos* conheceriam o modernismo e o sentimento de indiferença tornar-se-ia admiração. Certa vez, conversando com um aluno do professor Francisco Paulo Mendes, o parnasiano Max Martins ouviu falar acerca do modernismo, onde as rimas não eram mais necessárias, onde as palavras eram livres. E Max Martins foi o primeiro a deixar a *Academia*, sendo seguido pelos outros confrades, fato que resultou no fim das reuniões parnasianas na casa de Benedito Nunes.⁷ Depois desse momento, a *Casa das Tias* – tal como era chamada a casa onde Benedito Nunes residia com sua família – foi sendo substituída pelo terraço do Hotel Central, onde funcionava o Café Central, local onde diariamente esses jovens passaram a se reunir.

O Café Central era o lugar da poética da *Turma do Central*. O círculo de preciosas amizades que já havia na *Academia dos Novos* se manteve quando os modernistas horizontes literários se abriram para jovens como Benedito Nunes, Max Martins, Haroldo Maranhão, Alonso Rocha e Jurandir Bezerra. No Café Central eles jogavam conversa fora, contavam piadas, discutiam literatura, cinema, artes plásticas, teatro, existencialismo, simbolismo e modernismo, enquanto tomavam chá com torradas. Essa amizade contribuiu para o fortalecimento e continuação desse grupo que se tornaria parte da história da literatura paraense.⁸

⁴ Ibid., p. 194.

⁵ FIGUEIREDO, Aldrin M. “Querelas esquecidas: o modernismo brasileiro visto das margens.” In: PRIORE, Mary Del; GOMES, Flávio dos Santos. *Os Senhores dos Rios*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003, p. 265.

⁶ Ibid., p. 264.

⁷ Ibid., p. 267.

⁸ CANGUSSU, Dawdson S. *O modernismo paraense da Segunda Geração (1943-1951): entre o chá e as torradas do Café Central*. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em História). Orientador: Aldrin Moura de Figueiredo. Faculdade de His-

A importância da *Turma do Central* na sociedade local foi de grande valor histórico e cultural. A atuação do grupo abrangeu não só a literatura, pois tivera participação no âmbito político e social. Em 1951, Max Martins e Benedito Nunes fundaram o primeiro cineclub de Belém, chamado *Os Espectadores*, e nos idos dessa década contribuíram na organização do *Teatro Norte Escola*. Nos anos 1960 participaram da criação do Serviço de Teatro da UFPA, que anos depois se tornaria curso de teatro. Isso tudo sem falar da grandeza do Suplemento *Arte-Literatura* (1946-51), da *Revista Encontro* (1948) e da *Revista Norte* (1952). Em 1947 ocorreu a primeira e única reunião da ABDE (Associação Brasileira de Escritores) presidida por Haroldo Maranhão. Além disso, no campo do engajamento político, na década de 1950, esses jovens assinaram o Manifesto Pró-Paz, idealizado por Stalin; em 1960, assinaram o Manifesto Pró-Cuba e, no ano seguinte, o Manifesto Pró-Jango.⁹ Participaram também, junto à *Folha do Norte*, do Movimento de Resistência Democrática que estimulou a Coligação de partidos antibaratas em prol da eleição do General Zacarias Assumpção nos anos 1950. Enfim, a *Turma* ligou-se a diversos setores da sociedade e promoveram avanços expressivos no meio cultural de Belém, fato que mostra o quão substancial fora a relação prática do grupo cultural com a sociedade local.

A *Turma do Central* tinha consciência do seu papel na sociedade, e não se eximira dessa responsabilidade. Participou das manifestações culturais e políticas no intuito de não permitir que a trágica história recente se repetisse. Max Martins expressa essa consciência quando afirma que essa nova geração não confia em ninguém senão em si mesma, e que estão cansados de mentiras políticas como a da revolução de 30.¹⁰ Vê-se nas palavras e nos atos desse grupo uma consciência social que norteou sua história. A preocupação com os rumos da sociedade local é o aspecto que caracteriza essa consciência social. Os conhecimentos e valores compartilhados pelos jovens e adultos da *Turma do Central* e do Suplemento *Arte-Literatura* contribuíram para uma nova forma de pensar a literatura e a história, o que resultou também em atos que auxiliaram a cultura, a política e a sociedade. Esse grupo de poetas, contistas, críticos, ensaístas e críticos, por tudo que representaram nas diversas relações que estabeleceram com a sociedade local, deixaram uma herança de imensa carga histórica e de grande valor cultural para o entendimento da história da literatura paraense e quiçá brasileira.

Certamente a *Turma do Central* deixou um legado expressivo para a escrita da história da literatura da Amazônia. Escrever, pois, uma história social da literatura paraense, recortando o período em que circulou o suplemento *Arte-Literatura*, é tarefa de grande labor e também de grande importância histórica. Alguns estudos a respeito da literatura da Amazônia afloraram através de pesquisas feitas por estudiosos da região. Pode-se a *grosso modo* citar *A modernidade literária no Estado do Pará: os suplementos literários da Folha do Norte*,¹¹ de Júlia Maués; *Querelas esquecidas: o modernismo brasileiro visto das margens*,¹² de Aldrin Moura de Figueiredo, e *O Grupo dos Novos: memórias literárias de Belém do Pará*,¹³ de Marinilce Oliveira Coelho. São pesquisas que esclarecem um passado há tanto negligenciado pela historiografia, colocando em xeque a tradição de atribuir aos movimentos literários das grandes metrópoles do centro-sul uma posição de destaque para a compreensão da história do modernismo brasileiro. Com efeito, o estudo do modernismo não mais realizado pela ideia de centro-periferia, mas pelo seu contrário, contribui sobremaneira para um conhecimento mais particularizado e mais completo acerca do Modernismo no Brasil.

tória/Universidade Federal do Pará, 2005.

⁹ NUNES, Benedito. *O amigo Chico: fazedor de poetas*. Belém: Secult, 2001, p. 23.

¹⁰ MARTINS, Max. Posição e destino da literatura paraense. *Folha do Norte*. Belém, 07 de dezembro de 1947. Suplemento *Arte-Literatura*, nº 55, p. 4. Entrevista.

¹¹ MAUÉS, Júlia. *A modernidade literária no Pará: o suplemento literário da Folha do Norte*. Belém: UNAMA, 2002.

¹² FIGUEIREDO, op. cit.

¹³ COELHO, Marinilce Oliveira. *Grupo dos Novos: memórias literárias de Belém do Pará*. Belém: EDUFPA/ UNAMAZ, 2005.

○ SUPLEMENTO ARTE-LITERATURA E O SEU SIGNIFICADO PARA A TURMA DO CENTRAL

Meados da década de 1940. Neste contexto de fim de guerra e de redemocratização surgiu uma nova tendência na imprensa brasileira: a criação de suplementos literários. Estes foram idealizados para minar o isolamento da literatura nacional entre si e entre outros países. Tais periódicos acolheram diversas linguagens e os mais significativos nomes da geração de escritores, poetas, contistas, ensaístas e críticos dessa década, e se tornariam, segundo Alzira Alves de Abreu, instrumentos de ascensão social, por onde os colaboradores conseguiam influências que lhes permitia o acesso a universidades, a cargos públicos, a editoras e à política.¹⁴ Os suplementos literários na década de 1940-50 foram responsáveis por uma das principais características da nova geração da literatura brasileira: a de não pertencer somente ao eixo Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. Muito pelo contrário, ela se fazia presente em vários Estados brasileiros, e com uma produção muito intensa, fortalecida por meio da criação de revistas e suplementos literários.

Alguns suplementos e revistas destacaram-se: no Ceará havia as *Edições Clá*¹⁵ (1946-57); em Recife, *Nordeste*; em Goiás, *Agora*;¹⁶ no Maranhão destacavam-se o *Malazarte* (1947-48), o *Sete Dias* e o *Suplemento Cultural do Centro Cultural “Gonçalves Dias”*, publicado no jornal *Diário de São Luis*;¹⁷ no Rio de Janeiro foi fundado o *Suplemento Letras & Artes* (1946-1953) do jornal *A Manhã*; em Belém havia o suplemento literário *Arte e Literatura*, do jornal *A Província do Pará*, e o suplemento literário *Arte-Literatura* (1946-51), do jornal *Folha do Norte*. A literatura do interior – apesar das dificuldades geográficas, de tempo e de bibliografia – se fortaleceu com a criação dessas revistas e suplementos literários, momento nos quais as grandes cidades passaram a enxergar com atenção os trabalhos realizados nas diferentes regiões do Brasil.

Os livros datilografados por Max Martins na máquina do Banco do Pará, de onde era funcionário, os quais circulavam apenas pelas mãos dos confrades da *Academia dos Novos*, cederam o lugar ao importante e bem elaborado *Suplemento Arte-Literatura*, do jornal *Folha do Norte*. Criado e dirigido por Haroldo Maranhão, em 1946, esse suplemento veio mudar a trajetória do escrito e atingir positivamente e sobremaneira os rumos da poesia e da crítica literária local. O *Suplemento* representou uma mudança na técnica de reprodução do texto bem como em suas estruturas e formas do suporte da comunicação. Para Chartier as mutações, ao longo da história, na forma e no suporte do escrito comandaram “novas maneiras de ler, novas relações com o escrito, novas técnicas intelectuais”.¹⁸ Os *Novos* modernistas paraenses puderam, com este novo suporte, expor seus escritos ao grande público e, sobretudo, acompanhar e dialogar com as novas tendências da literatura nacional e internacional. A partir desse encarte, frisa Benedito Nunes, “criou-se um espírito comum na maneira de sentir e de pensar o mundo e a literatura”.¹⁹

¹⁴ ABREU, Alzira Alves de (org.). “Os suplementos literários: os intelectuais e a imprensa nos anos 50.” In: *A imprensa em transição: o jornalismo brasileiro nos anos 50*. Rio de Janeiro: FGV, 1996, p. 27.

¹⁵ Este periódico foi fundado pelo *Grupo Clá*, que se formou em 1943 e reuniu, na cidade de Fortaleza-Ce, os escritores da chamada Geração de 45 do Modernismo. Dentre os seus membros destacam-se Eduardo Campos (1923), Artur Eduardo Benevides (1923), Lúcia Fernandes Martins (1926) e Fran Martins (1913-1996). Clá responsável pela implantação definitiva do Modernismo no Ceará nos anos 1940.

¹⁶ A revista literária *Agora* foi fundada, em 1946, por um grupo formado por Afonso Félix de Sousa (1925-2002), Jesus Barros Boquady (1929), Bernardo Elis (1915-1997), dentre outros.

¹⁷ Para saber mais a acerca da geração de 45 no Maranhão, ver: BRASIL, Assis. *Bandeira Tribuzi: Um Poeta da Geração 1945. Suplemento Cultural e Literário JP Guesa Errante*, ano II, n. 62, 2005; SÁ, Sérgio. *Crítico indignado. Suplemento Cultural e Literário JP Guesa Errante*, ano II, n. 57; OLINTO, Antônio. *Três tempos da poesia de Nauro Machado. Suplemento Cultural e Literário JP Guesa Errante*, ano III, n. 112. Todos esses textos e outros tantos, tais como *Bandeira Tribuzi: Do eldorado do maranhão novo ao consumidor da vida*; *Bandeira Tribuzi: Ou a Revolução Estética de 1948*; e *Bandeira Tribuzi: um poeta da Geração de 45*; *Oswaldino Marques: a sabedoria que clama do exílio*; e *Nauro Machado: 45 anos de poesia*, podem ser acessados no site: <<http://www.guesaerrante.com.br/>>.

¹⁸ CHARTIER, op. cit., p. 190.

¹⁹ NUNES, Benedito. Max Martins, Mestre-Aprendiz. In: MARTINS, Max. *Não para consolar*. Belém: Cejup, 1992, p. 18.

O suplemento literário da *Folha do Norte* tornara-se o lugar da poética dos novos poetas. Era também um instrumento de atualização da literatura local, pois, através dele, tiveram contato com diversos artigos de escritores de várias regiões do País e também do exterior. O suplemento exprimira um sentimento geracional de renovação na medida em que oportunizou a esses jovens exporem seus poemas modernos e, ao mesmo tempo, colocou-os em constante contato com o que havia de mais moderno na literatura mundial. Nas memórias de um deles, Benedito Nunes: “Só aí começamos a conhecer os grandes romances modernos. Moderno foi para nós atualização, recuperação do atraso em que a gente estava por não acompanhar o ritmo da literatura mundial”.²⁰

Este periódico, em seus 165 fascículos, veiculado entre os anos de 1946 a 1951, expôs uma literatura que se propunha com forte apelo existencialista algo comum na poética dessa geração surgida nos idos dos anos 1940. Tinha publicação semanal e saía aos domingos. Possuía o formato de tabloide, de quatro páginas. Era aparentemente disforme, possuía uma lógica própria e muito peculiar de organização. Alguns textos começavam na última página e terminavam na primeira. Além da poesia e da crítica literária, trazia em suas páginas caricaturas e fotografias de escritores, fotos de esculturas ou de pinturas modernistas. Nomes como o de Marc Chagal, Picasso, Salvador Dali e Bruno de Giorgi. Além disso, havia as entrevistas de autores nacionais e internacionais. Nestas entrevistas destacam-se as de Cecília Meireles, Sartre, Gide e Heidegger.²¹

Os temas principais presentes no Suplemento eram os ligados à literatura, à filosofia da existência e aos novos grupos literários. Isso era comum na maioria dos suplementos do Brasil e do exterior. Havia uma preocupação em defender o novo modernismo e sua estética e essência existencialista.²² Essa geração não era combativa como a dos anos 1920, ela não se embrenhava nas questões políticas do momento, pelo contrário, se importava mesmo era com a arte, com a literatura e com o indivíduo. A literatura dessa geração tratava do drama espiritual do pós-guerra. As crises existenciais tornaram-se tema comum na poesia desses jovens, e neste comenos podemos citar algumas obras publicadas no Suplemento *Arte-Literatura*, como *Salmo quase elegia* (1948), de Alonso Rocha; *Confissão* (1947), de Benedito Nunes; *O poeta e a rosa* (1948), de Francisco Paulo Mendes e *1º motivo da rosa* e *2º motivo da rosa* (ambos em 1948), de Mário Faustino. Havia também a poesia com imagens surrealistas e lírico-amorosas, é o caso de Haroldo Maranhão em *Momento lírico, mas doloroso* (1947). O uso de verso livre e o jogo de palavras, além da crítica ao estilo de vida moderno, foram comuns em Max Martins em, por exemplo, *Poema, Pedreira, Muaná da Beira do Rio* (1950).

Para Júlia Maués o Suplemento paraense estabeleceu os caminhos para a relação entre as tendências do Modernismo local e o internacional.²³ Havia conexões diretas com outros países através de correspondentes que enviavam artigos de crítica literária especialmente para o suplemento paraense. Era o caso do *Copyright do Serviço Francês de Informação*. Deste modo, o grupo do suplemento pôde, assim, atualizar a sua literatura com as mais novas discussões acerca da arte literária e da filosofia da existência, as quais, naquele momento, estavam, com certa intensidade, voltadas para os problemas da existência do indivíduo. Essas eram questões impulsionadas pelas mazelas proporcionadas pelas batalhas da Segunda Guerra Mundial, principalmente. Os anos 1940 foram marcados pelo crescimento de uma filosofia da existência que acabou influenciando a literatura do pós-guerra, principalmente por meio dos escritos enajados do francês Jean-Paul Sartre (1905-1980), e da poesia lírica, simbolista e espiritual do poeta e novelista austro-germânico Rainer Maria Rilke (1875-1926).

²⁰ NUNES, Benedito. O encontro de uma geração. Disponível em www.trilhasdacultura.com.br. Acesso em 20 de junho de 2006. Entrevista.

²¹ COELHO, op. cit.

²² Para saber sobre o existencialismo no Brasil ver: BRITO, Farias. *As origens do existencialismo no Brasil*. São Paulo: Convívio, 1984. Cf., também: MOURÃO, Rhéa Sylvia. *Os caminhos do existencialismo no Brasil*. Belo Horizonte: Editora o Luta-dor, 1986.

²³ MAUÉS, op. cit., p. 24.

Foi também no suplemento literário da *Folha do Norte* que essa nova geração paraense, de acordo com Benedito Nunes, incorporou extemporaneamente o modernismo, restaurando as suas fontes, paulistas e seus derivados cariocas e mineiros, “sem entreter a menor relação com os pioneiros paraenses da *Belém Nova*, excetuando-se o poeta Bruno de Menezes”.²⁴ Benedito Nunes afirma que o suplemento reintroduziu o modernismo no Estado, o qual já havia sido difundido, sem o conhecimento do seu grupo, a partir dos anos 1920, pela revista *Belém Nova*.²⁵ Logo, se o suplemento reintroduziu o modernismo, então este, nos anos 1940, não existia mais como movimento, isto é, já fazia parte dos compêndios escolares. Uma das razões para isso decorre da ida de muitos pioneiros, como Eneida de Moraes, ainda nos anos 1920, para o Rio de Janeiro.²⁶

O desconhecimento de duas décadas acerca da Semana de 22 não impediu que esse grupo de jovens ávidos por literatura se tornasse uma referência para a literatura local. E ao contrário de outros grupos de mesma geração, tal como o grupo paulista *Clima*, a *Turma do Central* pusera-se efetivamente como modernista, e não como um grupo de críticos, característica marcante da *Geração de 45*. Na acepção de Benedito Nunes, tal distanciamento promoveu uma particularidade no grupo paraense, que foi a não adesão à turbulência com os grupos antecessores, pois para Nunes, uma geração implica pelo menos a geração antecessora imediata, da qual só conheceram Bruno de Menezes.²⁷ O já bastante citado suplemento mostra o cruzamento de interesses de intelectuais de diversas partes do país e suas diferentes formas de sensibilidade da poética modernista. O encarte também refletiu um sentimento de pertença ao modernismo, que foi sobejamente cultivado pelos *novíssimos* paraenses da *Turma do Central*.

Nessa circunstância o suplemento literário do jornal *Folha do Norte* passou então a ser também um suporte do sentimento de uma geração agônica que viveu um momento de guerra mundial. Era uma geração agônica porque acabara de sair de um contexto em que ocorreram diversas atrocidades proporcionadas pelas guerras e pelos despóticos regimes políticos. Nos jornais as poesias misturavam-se com as manchetes sobre crimes bárbaros em batalhas e com as decisões autoritárias dos governantes. Pairava um desconforto e um sentimento de revolta com os rumos que a história tomava. Nesse contexto histórico destacaram-se os escritos engajados do francês Maurice Merleau-Ponty (1908-1961). As produções mais importantes desse filósofo foram de cunho psicológico: *La Structure du comportement* (1942) e *Phénoménologie de la perception* (1945). Apesar de grandemente influenciado pela obra de Edmund Husserl, Merleau-Ponty rejeitou sua teoria do conhecimento intencional fundamentando sua própria teoria no comportamento corporal e na percepção. Sustentava que seria necessário considerar o organismo como um todo para se descobrir o que se seguirá a um dado conjunto de estímulos. Voltando sua atenção para as questões sociais e políticas, Merleau-Ponty publicou em 1947, na revista *Les temps Modernes*, um conjunto de ensaios marxistas, chamado *Humanisme et terreur* (Humanismo e Terror), a mais elaborada defesa do comunismo soviético no final dos anos 1940. Contrário ao julgamento do terrorismo soviético, ele atacou o que considerava uma hipocrisia ocidental.²⁸

²⁴ NUNES, Benedito. Meu caminho na crítica. *Estudos Avançados*, v. 19, n. 55, set./dez. 2005, p. 291. Cf., do mesmo autor: Bruno de Menezes: inventor e mestre. *Revista Asas da Palavra*, Belém: Unama, v. 10, n. 21, semestral. 2006, pp. 37-44. Neste artigo o autor afirma: “em nossa memória literária ficará Bruno de Menezes. Ficarão não apenas como escritor de sua geração, a da revista *Belém Nova* dos anos 20, mas como um dos melhores poetas do Brasil setentrional, inventor e mestre na arte da palavra”.

²⁵ Ibid.

²⁶ Para um estudo mais apurado acerca do modernismo paraense dos primeiros anos do século XX até o final dos anos 1920, ver: FIGUEIREDO, Aldrin Moura. *Eternos Modernos: Uma História Social da Arte e da Literatura na Amazônia, 1908-1929*. Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, (2001). Tese de doutorado. Unicamp.

²⁷ NUNES, Benedito. Prefácio: Max Martins, Mestre-Aprendiz. op. cit., p. 20.

²⁸ Para saber mais sobre o filósofo Merleau-Ponty ver: cf., CHAUI, Marilena. Experiência do pensamento. In: *Experiência do Pensamento: ensaios sobre a obra de Merleau-Ponty*. São Paulo: Martins Fontes, 2002; ver também: PAVIANI, Jayme. A descrição fenomenológica em M. Merleau-Ponty. *Veritas*, Porto Alegre, v. 39, n. 159, pp. 569-579, 1994.

O suplemento *Arte-Literatura* tornou-se o suporte dessa nova escrita preocupada com os problemas da existência do indivíduo, e foi também o suporte de um sentimento geracional que propulsava a novos olhares sobre literatura, história, existência e sobre a relação entre indivíduo e estrutura social. Sustentou em suas páginas todo o fardo da construção de uma identidade literária de um grupo que buscava estabelecer-se no cenário cultural da Belém da década de 1940.

O periódico paraense foi de suma importância para a construção da identidade grupal dos jovens paraenses, pois até então eles não passavam de um grupo de jovens poetas desconhecidos localmente e isolados da literatura de outros estados. Para Marinilce Coelho “o Suplemento Literário da *Folha do Norte* foi uma realidade influente com os intelectuais da região e deu vez ao melhor da poesia, da ficção e da crítica daqueles anos”.²⁹ De acordo com Haroldo Maranhão, o suplemento abriu espaço para a literatura e não para a subliteratura, para o sério e permanente, e não para a literatura sem valor.³⁰ E certamente a literatura parnasiana não tinha muito espaço no encarte, pois esta não se tratava de uma coisa nova, moderna, além de não abarcar os temas sobre o indivíduo. A condição humana na sociedade moderna esteve intensamente imprimida na poética da geração modernista do pós segunda guerra mundial. Ora com um existencialismo introspectivo, ora com um mais engajado, a geração de 45 exprimiu poeticamente e filosoficamente a supressão, o desrespeito e a violação da vida cotidiana e da essência do indivíduo, sobretudo por intermédio da influência das obras de Sartre, Rilke, Heidegger, T. S. Eliot, Baudelaire, Whitman, Rimbaud, Mallarmé, Yeats, Ezra Pound e Merleau-Ponty.

Benedito Nunes era um dos que fazia parte dos poetas mais comprometidos socialmente, e publicou vários poemas e artigos de crítica literária e filosofia no suplemento. Pendia poeticamente e filosoficamente, já nos anos 1940, para uma filosofia da existência de caráter mais social, engajado. Em *Ação e poesia* (parte I),³¹ trata das atitudes do homem, como um ser que vive num plano avançado de conhecimento, e que, portanto, possui a capacidade de reagir às perplexidades do cotidiano da humanidade no sentido de buscar a liberdade do indivíduo perante a exploração promovida pela estrutura social do capitalismo. Nesse texto Benedito Nunes afirma que o homem passou a lidar com o dever, e as obrigações passaram a interessar apenas ao indivíduo, e não à pessoa humana. Pode-se citar como exemplo dessa literatura engajada o artigo *Considerações sobre a peste*, onde Nunes faz uma análise do romance *A Peste*, de Albert Camus, e reafirma essa questão do homem frente à estrutura capitalista. Nesse caso Benedito Nunes ressalta que a única potência capaz de arrancar o homem do desespero é o heroísmo que vem da negação da fé, e que se fundamenta na necessidade de viver, característico ao homem contemporâneo. Tal heroísmo, afirma Nunes, surge como consequência direta de uma reflexão pessimista em torno da situação humana.

O existencialismo ligado aos problemas sociais teve muita influência do marxismo, quando Sartre teria assumido que a sua filosofia da existência possuía convergências com o marxismo. Para Labin Suzanne a obra de Sartre mostra um mundo global e popular, por isso ser tão aceita em diversas culturas. É até difícil definir tamanha influência que ela exerceu no pensamento ocidental, principalmente. Sua filosofia existencialista ultrapassou fronteiras culturais e físicas; influenciou a poesia de grupos literários; redefiniu a filosofia de muitos pensadores.³²

O periódico político-literário *Les Temps Modernes*, fundado por Sartre e Merleau-Ponty, em 1945, foi o espaço onde Sartre e outros existencialistas engajados publicaram seus trabalhos – peças teatrais, poesia e filosofia, e foi por onde se iniciou a grande difusão do existencialismo pelo mundo afora, sobretudo devido sua ânsia pela liberdade e pelo engajamento do homem. A noção de engajamento de Sar-

²⁹ COELHO, op. cit., p. 147.

³⁰ MARANHÃO, Haroldo. O Pará não morreu: Viva o Acará! *O Liberal*, Belém, 23/IX/1990. Entrevista.

³¹ NUNES Benedito. *Ação e Poesia I. Folha do Norte*. Belém, 01 de junho de 1947. Suplemento Arte-Literatura, n. 28, p. 3.

³² LABIN, Suzanne. A arte literária de Jean-Paul Sartre. *Folha do Norte*. Belém, 13 de abril de 1947. Suplemento Arte-Literatura, n. 25, p. 1 e 3. Cf., também: LÉVY, Bernard-Henri. *O século de Sartre*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

tre significa a necessidade de um determinado pensador estar voltado para a análise da situação concreta em que viva, tornando-se solidário aos acontecimentos sociais e políticos de seu tempo. Pelo engajamento, a liberdade deixa de ser apenas imaginária e passa a estar situada e comprometida na ação. Theodor Adorno afirma que, para Sartre, “o sentimento conceitual da criação poética permanece o pressuposto do engajamento”.³³

Diversamente de Benedito Nunes, com um toque rilkiano e, pois, mais introspectivo, aparece o poeta Mário Faustino (1930-62). Era um dos mais jovens, senão o mais jovem poeta da *Turma do Central*. A vida de Faustino foi marcada pela precocidade. Nascido no Piauí, Faustino mudou-se para o Pará ainda na infância. Caçula de família composta por 20 filhos, o poeta viveu em Belém com o irmão mais velho, a quem chamava de pai. Logo aos 16 anos trabalhou no jornal *A Província do Pará*. Antes de seguir para o Rio de Janeiro, ganhou bolsa de estudos, e, aos 21 anos, seguiu para os Estados Unidos, onde estudou língua e literatura inglesas. Na capital paraense, envolveu-se com movimentos literários e intelectuais da região e acabou conhecido em outros estados.³⁴

O tipo de linguagem subjetiva, encontrada claramente em Faustino, é característica marcante na poesia de Rilke, que possuía um ar atormentado pelos enigmas do mundo invisível, pelas manifestações do sobrenatural; uma arte mórbida, inclinada a decifrar os segredos do destino, as charadas da vida e da morte.³⁵ Por meio de sua poesia, com devaneios, beleza, imagens sonolentas e sensíveis, Faustino exteriorizou, com seu estilo introspectivo, a expressão das novas tendências da literatura contemporânea. Sua poesia foi primeiramente influenciada por Baudelaire, Rimbaud, Rilke, Lorca, Cecília Meireles e Fernando Pessoa. Depois vieram as influências inglesas contemporâneas, dentre os quais se destacam T. S. Eliot, Cummings, Hart Crane, Dylan Thomas e Ezra Pound; logo depois sofreu o impacto do francês Saint-John Perse. Mas a influência mais visível, no suplemento, é certamente a de Rainer Maria Rilke.³⁶

Sartre e Rilke foram as principais matrizes existencialistas na poesia da nova geração de modernistas paraenses. Artigos nacionais, internacionais e tradução de obras de ambos foram amplamente publicados no Suplemento *Arte-Literatura*, fato que contribuiu para o diálogo entre essa literatura estrangeira e os poetas da região. O diálogo foi a chave para uma nova forma de ver a realidade presente e passada, criticá-la e também negá-la, uma desilusão movida a traumas e medos de uma história recente. Para o historiador Aldrin Moura de Figueiredo, “os literatos teriam passado a ver na sociedade um verdadeiro objeto de reflexão e que, na política ou nas artes, eles tinham o dever de discutir a realidade do povo brasileiro a partir de suas ‘próprias diretrizes’”.³⁷ Essas diretrizes foram construídas a partir de uma história eivada de caminhos tortuosos, abertos por um grupo de jovens que detinham ideias novas e diversificadas e um instrumento dominical para materializá-las.

Benedito Nunes e Mário Faustino são exemplos do diálogo com a literatura existencialista e da evidente diversidade de direções tomadas pelos amigos da *Turma do Central*. Com efeito, não houve somente um rumo para a chegada ao modernismo. Para Aldrin Figueiredo, o processo de descoberta das ideias modernistas parece ter acontecido de maneira diversa entre os confrades da *Academia dos Novos*.³⁸ Diferentemente do que ocorreu nos rígidos métodos e rituais seguidos à risca pelos parnasianos da *Academia*, a liberdade de expressão modernista imperou nas mentes desses jovens recém-convertidos à literatura

³³ ADORNO, Theodor W. *Notas de Literatura*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1973, p. 53.

³⁴ Para mais informações sobre a vida de Mário Faustino, ver: cf., CHAVES, Lília Silvestre. *Mário Faustino: uma biografia*. Belém: Secult, 2004. Ver também: CHAVES, Albeniza de Carvalho. *Tradição e modernidade em Mário Faustino*. Belém: UFPA, 1986.

³⁵ Cf., BENEVIDES, Walter. *Rilke ou a Convivência com a Morte e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Editora Cátedra, 1976. Ver também: ROSA, Antônio Ramos. Rilke e o espaço interior do mundo. *Revista Colóquio/Letras*. Ensaio, n. 10, 1972, pp. 25-31.

³⁶ MULLER, Luciana Martins. *Tensões de crítica e de poesia em Mário Faustino*. 2000. Tese (Doutorado em Filosofia) – USP, São Paulo, 2000. Cf., NUNES, Benedito. “A poesia de meu amigo Mário.” In: BOAVENTURA, Maria Eugênia (org.) *Mário Faustino: o homem e sua hora e outros poemas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

³⁷ FIGUEIREDO, op. cit., p. 268.

³⁸ Ibid.

moderna, não sendo, pois, mais necessárias as normas de postura, de escrita e da fala. Pode até parecer algo idiossincrático a ideia de um grupo de jovens com menos de vinte anos discutindo literatura francesa e poesia alemã na Belém dos anos 1940. Mas na verdade era muito mais do que isso, era uma arma de atuação na arena cultural e no embate político, não um diletantismo jovem, como muitos pensavam.

O suplemento literário *Arte-Literatura* foi o suporte dessa nova escrita. Coube a ele levar ao leitor comum de jornal as novas ideias trazidas e/ou literalmente buscadas por poetas ansiosos por renovação e modernização tanto da poesia quanto das ideologias. Buscavam uma nova maneira de ver e fazer a história, uma história, para Max Martins, distante das falsas promessas dos politiquinhos anacrônicos dos anos 1930 e das velhas lições moralistas.³⁹ O Suplemento, assim, comportou essa literatura de cunho existencialista, essa escrita crítica, atônita e agônica, esse sentimento de desilusão à história recente. O suplemento literário da *Folha do Norte*, tomado como suporte do escrito, de formação e divulgação da poética da *Turma do Central*, serve como um rico elemento empírico para a compreensão e escrita da história da literatura modernista em Belém, pois os seus textos possuem um grande valor histórico e, portanto, revelam aspectos importantes para a construção de uma história social da literatura. É imenso, dessa forma, o significado histórico desse suplemento tanto para o grupo que o criou quanto para a escrita da história do modernismo paraense.

³⁹ MARTINS, Max. Posição e destino da literatura paraense. *Folha do Norte*. Belém, 07 de dezembro de 1947. Suplemento Arte-Literatura, nº 55, p. 4. Entrevista.